

Zeitschrift: Schweizerisches Archiv für Volkskunde = Archives suisses des traditions populaires
Band: 20 (1916)
Artikel: Uma cantiga popular portuguesa
Autor: Leite de Vasconcellos, J.
DOI: <https://doi.org/10.5169/seals-111843>

Nutzungsbedingungen

Die ETH-Bibliothek ist die Anbieterin der digitalisierten Zeitschriften. Sie besitzt keine Urheberrechte an den Zeitschriften und ist nicht verantwortlich für deren Inhalte. Die Rechte liegen in der Regel bei den Herausgebern beziehungsweise den externen Rechteinhabern. [Siehe Rechtliche Hinweise.](#)

Conditions d'utilisation

L'ETH Library est le fournisseur des revues numérisées. Elle ne détient aucun droit d'auteur sur les revues et n'est pas responsable de leur contenu. En règle générale, les droits sont détenus par les éditeurs ou les détenteurs de droits externes. [Voir Informations légales.](#)

Terms of use

The ETH Library is the provider of the digitised journals. It does not own any copyrights to the journals and is not responsible for their content. The rights usually lie with the publishers or the external rights holders. [See Legal notice.](#)

Download PDF: 06.10.2024

ETH-Bibliothek Zürich, E-Periodica, <https://www.e-periodica.ch>

Uma cantiga popular portuguesa.

Par J. LEITE DE VASCONCELLOS, Lisboa.

Oh! que linda rosa branca
 Aquela roseira tem!
 De baixo ninguem lhe chega,
 Lá cima não vai ninguem.

Temos aqui, antes de tudo, uma alegoria: a mulher amada é uma rosa branca que está em posição alta, aonde ninguem chega, nem póde ir. Está na alegoria um dos caracteres da nossa poesia popular: ela umas vezes tem por fim, como aqui, velar pensamentos intimos e delicados, que o poeta não ousa apresentar de chofre, com receio de ser indiscreto; outras vezes tem por fim satirizar amargamente, desviando a atenção para um lado imprevisto; outras suaviza obscenidades cruas.

A primeira parte da cantiga deu-se fórma exclamativa, que é a maneira mais directa de exprimir a admiração, como o grito é a maneira mais directa de exprimir a dor. As nossas cantigas estão cheias de exclamações, apóstrofes, gritos: *Oh! que pinheiro tão alto! Oh! quem me dera morrer! Oh! morte que tanto tardas!*

Os dois últimos versos da quadra apresentam simetria na disposição das palavras iniciais de cada um, mas as ultimas palavras formam o que os retóricos chamam *chiasmo*. Tudo isto são recursos de quem tem pouco que dizer, mas esse pouco o deseja expor com arte.

A rosa «é o mais perfeito symbolo de ideal feminino», disse D. Cecilia Branco em um admiravel estudo, *A rosa na vida dos povos.*¹⁾ Por isso nas cantigas populares se repisa muito essa palavra, como sinonimo de «donzela», de «menina», e de «mulher» em geral:

A mulher é como a rosa,
 Stando aberta, ou desfolhada:
 Aos vinte anos vale muito,
 Aos quarenta não val' nada.²⁾

¹⁾ Faz parte do t. VIII da BIBLIOTECA DE LAS TRAD. POP. ESPAÑ., Madrid 1886: vid. p. 97. — ²⁾ A. T. PIRES, Cantos populares, II, 138.

Este simbolo está espalhado por toda a parte, e já na antiguidade.¹⁾ Para nós póde ter-nos vindo imediatamente da literatura latina: *mea rosa*, em Plauto, *Asinar.*, III, 3, 74. Contudo ele é tão natural, que não precisaríamos de lhe buscar origens fóra da alma do nosso povo, que habita um país em que as rosas brotam de cada canto. Do simbolismo passon-se ao onomastico: *Rosa* (no deminutivo *Rosinha*) constitue um dos nomes proprios femininos mais comuns entre nós.

A cantiga que eston estudando não diz porém simplesmente *rosa*, diz *rosa branca*. Um romance popular começa tambem:

Oh! que linda *rosa branca*
Naquel' prado se passeia!²⁾

A côr branca funciona como outro simbolo: o da castidade e candura. De branco traja a virgem que vai receber o seu noivo ao pé do altar; branco é o veu da criança que chega a primeira vez á mesa da comunhão. A brancura opõe-se a palidez:

Rosa branca toma côr,
Não sejas tão desmaiada,
Que dizem a outras rosas:
— Rosa branca não és nada!

Só o branco sobressae;

Muito brilha o preto preto
Ao pé do branco lavado:
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

O povo, como não tem cultura, busca sempre as suas imagens poeticas no círculo de ideias que mais perto tem de si, ao mesmo tempo que repete a mesma fórmula, de umas cantigas para outras.

¹⁾ Vid. D. CECILIA BRANCÓ, obra citada; GUBERNATIS, *La Mythologie des plantes*, III, 317 ss.; ROLLAND, *Faune Populaire*, V, 246 ss. — ²⁾ Vid. o meu *Romanceiro Português*, Lisboa 1886, p. 26.